

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ISSADO PELA
DE CENSURA

A comemoração Gilvicentina

Perante o corno dos covelros

São horas de dar por finda esta já longa digressão à volta da falha da comemoração Gilvicentina.

Descansem, pois, os empatas. Como vimaranense e como português, chamei a atenção dos meus conterrâneos para ser paga a dívida ainda em aberto a essa grande figura da nossa história literária, que foi Gil Vicente.

Não o compreenderam assim alguns dos que aplaudiram a minha ideia e depois falharam estrondosamente. Paciência! Perdeu-se a minha voz neste deserto árido que tanto se assemelha à Polinésia do espírito. Fica-me, porém, a consciência tranqüila, contente, por ter cumprido o meu dever.

Não fui eu que falhei. Falharam, sim, aqueles que tinham o dever de corporizar a minha iniciativa, aqueles que tendo-me acolhido com boas palavras, surgiram, depois, a combater a ideia, talvez porque não vissem nela um apoio à sua vaidade pessoal.

Da minha parte houve apenas boa fé, sinceridade, anseio de ver a minha terra marcar uma atitude, uma fase progressiva, entrar, enfim, num novo caminho de ressurgimento, de progresso, de bem ordenado bairrismo.

Não o entenderam assim aqueles que fazem muito barulho, em propostas em série para aprovação unânime... e platónica.

Ainda não é desta vez que a Gil Vicente se levantará o monumento que constitui aspiração já antiga de Guimarães.

São horas de recolher. Faço-o mais enojado e desiludido de certas promessas e de certos homens que, propriamente, vencido. Mas é inútil pelear contra a caturrice que ficará nos anais vimaranenses como «verdade histórica».

Poucas vezes tem havido, nas coisas da nossa terra, uma tão notável unanimidade de opinião. Toda a imprensa de Guimarães se uniu à volta da ideia do monumento ao fundador do nosso Teatro.

A dispersão foi fomentada por aquela entidade que mais obrigações tinha de manter, de avivar a chama ardente do ardente anseio bairrista, bem patriótico, bem português.

Mas, em Guimarães, não há o sentido das oportunidades que outras terras têm sabido aproveitar, ciosas do seu brio, cónscias do seu valor, dos seus deveres, das suas necessidades.

Que, em Guimarães, houve o propósito do adiamento, não sofre dúvida. A-pesar-da nova resolução da Academia das Ciências, a nossa primeira Universidade, a Universidade de Coimbra, deu, há dias, início às comemorações do IV centenário Gilvicentino com uma conferência realizada pelo sr. dr. Rocha Brito, na Biblioteca Geral da Universidade, sob o título «A farsa dos físicos de Gil Vicente, vista por um médico». É possível que, mais tarde, alguns dos que se declaram pelo adiamento venham, depois, reclamar «o que é preciso fazer».

O que eu desejo, sobretudo,

é que Guimarães ressurgja e se livre, em breve, da Câmara... Ardente.

E ponto final.

26 de Maio de 1936.

Manuel Alves de Oliveira.

Quem insulta?

Ao lêr-se aquêl naco de prosa cheio de «entremetes» e «formidolosos» — rico leitor da Eneida que a deverá conhecer só de nome! —, a gente pasma de tanta pureza de linguagem e de tam primorosa educação, já para não falar do apurmo moral do escriba, da sua insolência e desafôro, ao baralhar as coisas consoante lhe dá na real gana, para gáudio de todos.

Aquilo, sim, lampeja como centelha dimanada do cérebro de qualquer Pacheco — daquêl mesmo Pachequinho que todos consideravam um luminar, homem de grande ciência, e que, depois de haver atingido em culminância as maiores situações de destaque, um dia morreu sem ter deitado cá para fora uma ideia capaz — ridicularizado e diminuído pelo genial talento de Eça de Queiroz.

— Mas andar, lo hecho es hecho...

O insulto em boca própria é vitupério — diz-se —, e os vimaranenses jámais precisarão das «conspíquas opinões» de parvos intelectualizados para saber e ter conhecimento dos deveres que lhes assistem.

Demais... a porta está aberta, bem às escâncaras, podendo o incomodado retirar-se para onde melhor lhe aprouver.

Amor à Terra!

Afirmam os auto-didatas: o amor à Terra não nasce por geração espontânea.

«Para que tal sentimento se possa manifestar com equilíbrio e ponderação, exige-se bom senso, e, acima de tudo, intenções lavadas de sentimentos inferiores».

— Lavre lá dois tentos, que a definição foi bem achada.

Bairrismo

Escreveu-se em letra de fôrma: — para ser bairrista é preciso também ter cultura.

Identificados. Porém, como o monopólio dessa cultura está entregue em muito boas mãos e falha nos vimaranenses que nasceram no Berço e foram registados na repartição respectiva — deixamos ao saber do plumitivo a noção da realidade que troca a «pureza» do seu bairrismo pelas birras, lérias e tretas dos que se não inferiorizam em bolsar dislates ou se alugam «numa humilhação imprópria de homens de carácter».

Vielas

A higiene impôl que, a conservarem-se abertas ao trânsito as chamadas vielas, estas se apresentem permanentemente limpas para bem da saúde pública.

A não observar êstes preceitos, entendemos que o melhor meio de evitar os aspectos de sórdidas vielas será o mandá-las encerrar.

Eis o que se nos oferece dizer perante a sujidade das cha-

madas vielas citadinas, incluindo a do antigo Campo Santo Velho.

— Ele sempre há pituitárias muito pouco sensíveis!

Um acampamento de ciganos

Circuitando o Castelo, avista-se entre este e os Paços dos Duques de Bragança um acampamento de ciganos.

Dito isto, está dito tudo, embora o órgão oficial se esfalfe em clamar contra as picuinhas que nesta secção vimos anotando.

Carregando na tecla

No mesmo estado de estacionamento se encontram as obras dos chamados Novos Paços do Concelho, a-pesar-de se ter tornado extensiva a todo o Concelho a derrama criada para aquêl fim, dando mais a impressão de uma obra de Santa Engrácia do que obra que urge findar para bom acolhimento das repartições públicas e para honra do Município.

— Que dirão os fanfarrões e chamborgas da grei?!

Três livros de Américo Durão

Um feliz acaso trouxe aos nossos olhos de incorrigível curioso as dezasseis páginas sem numeração com que o Amigo Mendes de Brito brindou o Poeta Américo Durão.

É uma edição larga e linda, de 1923, que honra a Clássica Editora e congloba as impressões das *Penumbas* (1914), *Vitral* (1917) e *Tântalo* (1921).

No dizer feliz do Amigo, os três livros marcam o gráfico ascensional na evolução do Poeta.

Mendes de Brito cultiva um estilo marcadamente rebuscado. Muita citação. Muita erudição.

Coloca o Poeta na geração que «ouviu cantar os galos do Positivismo» e vai acompanhando a curva do seu Pensamento até o ouvir dizer que

em cada boca existe uma navalha para rasgar os lábios da Verdade!

Antero, Anto, Leonardo, Duro, Raúl, todos são chamados à volta do seu estudo sobre o Amigo.

A Dobadoira das Idades já volteou quinze Primaveras e nesta altura da Vida o Poeta terá seguido a evolução desejada por Mendes de Brito e descansará nos louros colhidos em velhos tempos que não voltam mais.

6.

Club dos Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães

Da direcção do Club dos Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães recebemos o seguinte e penhorante officio:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães» — Guimarães.

... Sr.

A Direcção do Club dos Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães, na sua primeira sessão de 19 do corrente, resolveu saudar o «Notícias de Guimarães», o que gostosamente comunico a V. ...

A Bem da Nação.

O Secretário,

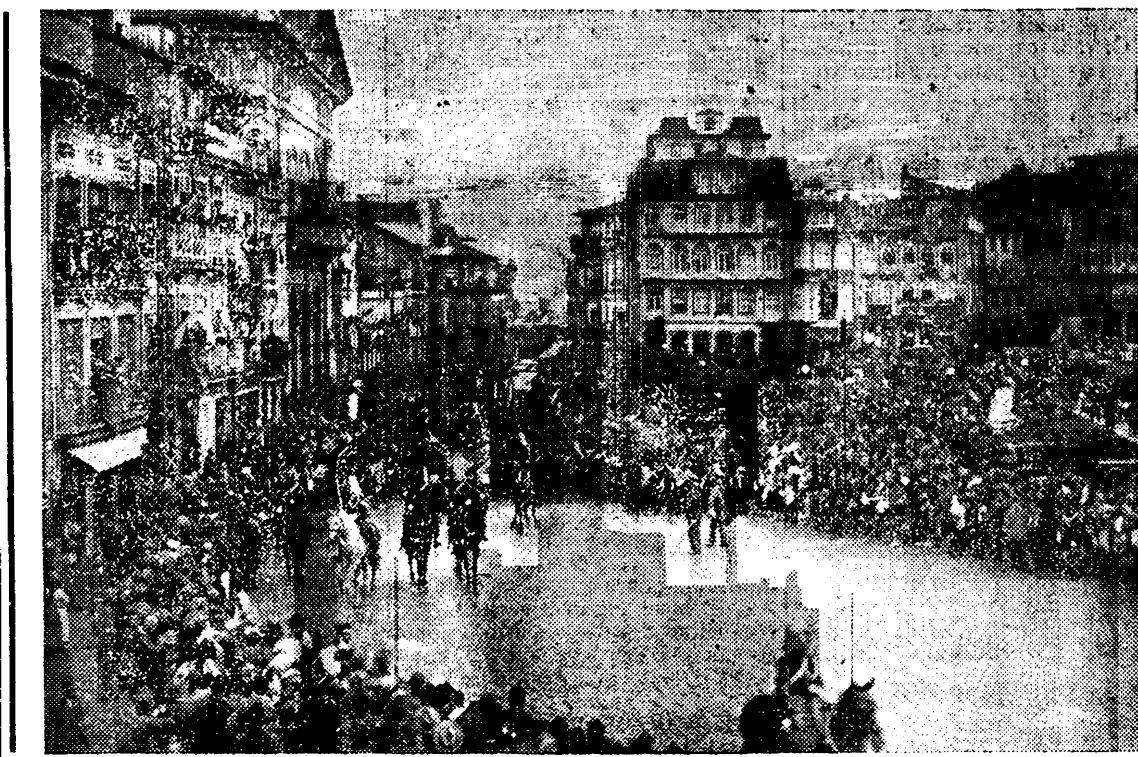
(a) Alberto Carlos Abreu.

Guimarães e Secretaria do Club dos Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães, 20 de Maio de 1936.

— O «Notícias de Guimarães» agradece as saudações da digna direcção do Club dos Caçadores e Atiradores Cívicos e promete-lhe o seu concurso sempre que para bem da Colectividade que representa ou da Terra, o mesmo lhe possa ser útil.

Não comprem fatos sem visitarem a Filial Pimenta Machado.

VISITA PRESIDENCIAL



Um aspecto da visita a Guimarães dos Srs. Presidente da República, Presidente do Conselho e Ministro da Marinha.

(Foto - Belez).

Como tivemos ocasião de noticiar, a visita a Guimarães, na última quarta-feira, de Suas Ex.^{as} os srs. Presidentes da República e do Governo — ex.^{mos} General Carmona e Dr. Oliveira Salazar — deu motivo a grandes e entusiásticas manifestações como de aplauso à obra do Estado Novo.

Muito antes da chegada ao Propósito dos dois ilustres visitantes, já este local se encontrava repleto de centenas de pessoas de todas as categorias sociais, que, a custo, a Polícia e a Guarda Republicana fazem convergir para os passeios, em alas, tanta a ansia de todos verem as primeiras figuras da Revolução Nacional.

Poucos minutos passavam das 11 horas quando uma girândola de foguetes, ao longe, anuncia a entrada próxima na cidade dos srs. Presidentes. Uma outra girândola, festiva, forte, ecoa no espaço misturando-se com os vivas da multidão que irrompe em aclamações aos nossos visitantes, quando as suas figuras se levantam para sorrirem...

O automóvel presidencial afrouxa a marcha, outro tranto fazendo os automóveis que conduzem as comitivas de Suas Ex.^{as}. Outros carros seguem, atrás, transportando as figuras gradas do Estado Novo, Governador Civil, grandes patentes do Exército, etc., etc.

A aguardar a chegada da visita, estavam a Câmara Municipal, Autoridade Administrativa, Comissão Concelhia da União Nacional, representantes da Casa dos Pobres, todas as Colectividades, Corporações religiosas e de beneficência, Asilos, Colégios, Escolas oficiais e particulares, professorado, etc. Os estudantes do Liceu Martins Sarmiento, com a sua bandeira, ladeiam o automóvel dos srs. Presidentes, levantando vivas, que são correspondidos com entusiasmo.

Prestam a Guarda de Honra um pelotão e uma companhia da Guarda Republicana, que abrem, uma vez organizado, e em alas, o cortejo. Chovem as flores de todos os lados. Os bombeiros dão-lhe brilho e imponência. As aclamações não cessam. As classes operárias, com os estandartes dos seus Sindicatos, tomam parte activa nas manifestações, enquanto o povo, ao longo da Rua de Paio Galvão e Praça de D. Afonso Henriques, lança flores e as bandas musicais executam a «Portuguesa» e a «Maria da Fonte».

As manifestações aumentam de entusiasmo à medida que o cortejo avança. Crianças escolares desfolham flores e deixam-nas cair sobre os srs. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar, que sorriem. As meninas do Colégio de Vila Pouca, postadas nas varandas da Sociedade Martins Sarmiento, ornamentadas de colchas e bandeiras, deixam cair também as suas flores. O cortejo vai avançando. O Toural tem um ar de festa. O entusiasmo da rua sobe até às sacadas, onde as senhoras dão graça infinita, continuando a chover de todos os lados e em todas as direcções pétalas de flores. Os «vivas» são mais quentes, mais entusiásticos. Todas as janelas do Toural têm bandeiras e colchas, o que lhe dá brilho e imponência. Todos aclamam os ilustres visitantes, que todos vêm satisfeitos

com a maneira como são recebidos — simples e espontaneamente pelos vimaranenses.

A caravana vai avançando sempre e sempre aclamada pela multidão, que a acompanha, seguindo o itinerário do Toural, Largo Prior do Craço e S. Dâmaso, até à entrada da Rua Dr. José Sampaio.

Durante o trajecto, nunca o entusiasmo arrefeceu. Sempre flores e as mesmas saudações de carinho e simpatia.

Na Rua Dr. José Sampaio o auto presidencial pára. Os srs. Presidentes, Ministro da Marinha e outras individualidades levantam-se, agradecendo e sorrindo. Sobem então mais alto as aclamações e há lenços brancos que se agitam no ar: era a partida para a Penha. De novo o cortejo põe-se em marcha, seguido de muitos automóveis. Começa então a dispersar toda aquela multidão, que aclamou e bem recebeu, com entusiasmo e flores, os srs. Presidentes da República e do Governo.

NO HOTEL DA PENHA

O almoço, oferecido a Suas Ex.^{as}, foi rápido — um almoço protocolar a que presidiu o sr. General Carmona, que tinha à sua direita os srs. Dr. Oliveira Salazar e Ministro da Marinha, e, à esquerda, os srs. Presidente da Assembleia Nacional, Vice-Almirante major-general da Armada e major-general do Exército.

Assistiram ao almoço ainda os srs. Chefe da Casa Militar da Presidência da República, Governador Militar de Lisboa, Chefe do Gabinete da Presidência do Conselho, engenheiro Luís Supico, major Santos Pedroso, António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, Comandante da P. S. P., adjunto da P. S. P., sub-director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, capitão Costa, oficial às ordens da Presidência, tenente Carvalho Nunes, idem, capitão Gabriel Teixeira, adjunto do Ministério da Marinha, tenente Tenreiro, idem do Ministério da Guerra, capitão Pessoa, idem do Governador Militar de Lisboa, ajudante do Major-general da Armada, ajudante da Presidência da República, dr. António Monteiro, adjunto do Protocolo da Presidência da República, tenente-coronel Carvalhais, adjunto do Protocolo do Ministério da Guerra, major Luís Santana, adjunto do Protocolo, António José Pereira de Lima, administrador do concelho, dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara Municipal e vereadores dr. J. Castro Ferreira, Alberto Costa e António Lopes de Carvalho, general Schiappa de Azevedo, Chefe do Estado-Maior, ajudantes do chefe do E. M., dr. Alberto Cruz, capitão Lucínio Preza, governador civil de Braga, tenente Figueiredo Gaspar, comandante da P. S. P. do distrito, dr. António Abranches, dr. Felismino Araújo, capitão Branco, oficial da G. N. R., presidente da C. A. da União Nacional do distrito, coronel Duarte do Amaral, presidente da Comissão Concelhia da U. N. e Francisco Pereira Mendes, membro da mesma C. A. e outras individualidades.

A's 13,30 horas os ilustres hóspedes tomaram lugar nos seus carros,

partindo logo a caravana em direcção ao Porto.

OUTRAS NOTAS

Pela estrada, aqui e acolá, grupos de camponeses saudavam-nos, lançando-lhes flores.

No lugar da «Cantonha», junto ao Palacete do sr. António José Pereira de Lima, administrador do concelho, a estrada, na extensão de algumas dezenas de metros, estava tapetada de flores. Viam-se no muro que circunda aquela vivenda, lindas colgaduras de damasco. Debruçadas no muro muitas senhoras saudaram o Chefe de Estado e Ministros, deixando cair sobre eles grande quantidade de flores.

No espaço ecoavam novas salvas de foguetes.

O cortejo atravessou rapidamente

Eterna linguagem da vida

Ao velho amigo e ilustre conterrâneo — Mestre Abel Cardoso.

Podeis rir
Uma vida inteira
Dos que fazem Poesia
Sem sentir
Que a linguagem verdadeira
É aquela que exalta a harmonia!...
Podeis rir
De toda a sua beleza
E olhá-la ironicamente
Sem sentir
Que a própria Natureza
É Poesia eternamente!...
Podeis rir
Dessa imagem aliciante
Que nos fala em doce verso
Sem sentir
Que a sua actuação constante
Se faz sentir em todo o Universo!...
Podeis rir
Porque não compreendeis a linguagem
Em que nos fala o bom Deus
Sem sentir
Que numa verde paisagem
Brilham virtudes dos céus!...
Podeis rir
Em tom zombeteiro
Mas jámais podeis negar,
Sem sentir
Que na água cristalina dum ribeiro
Há saudades que passam a chorar!...
Podeis rir
Prósaios e prosadores
Em vossa douda mania...
Sem sentir
Que é doce balsamo p'as nossas dores
A graciosa Poesia!...
Podeis rir
E largar estridentes gargalhadas
Com o jazz do vosso coração
Sem sentir
As almas dilaceradas
Entre a vossa satânica ambição!...
Podeis rir
Sim, — enquanto houver saúde —
Em vossa vida animal
Sem sentir
Que ela há-de encerrar-se num ataúde
E que a alma é imortal!...
Podeis rir
Porque o vosso sentimento
Anda abstracto
Sem sentir
Que o vosso argumento
Se iguala ao vosso retrato...
Porto, 16-5-1936.

FREITAS SOARES.

a cidade, tomando a estrada do Pôrto.

As autoridades locais e outras pessoas de representação foram acompanhar Suas Ex.ªs até ao extremo do concelho.

Desde a Rua de Paio Galvão até à Rua Dr. José Sampaio as manifestações foram constantes. A multidão dificilmente se mantinha nos passeios.

Pelas ruas as diversas bandas de música executavam a «Maria da Fonte» e os sinos das torres repicavam festivamente, à mistura com salvas de foguetes e muitas palmas.

Das janelas de alguns prédios muitas senhoras acenavam com lenços brancos.

FILINTO NINA

Ontem, no intervalo da primeira para a segunda parte do ensaio geral do Orfeão, os orfeonistas homenagearam o seu regente, sr. Filinto Nina, oferecendo-lhe uma Artística batuta.

Em seguida, no restaurante Teixeira Mendes, realizou-se, um porto de honra, magnificamente servido, tendo-se trocado calorosos brindes.

Pró-Monumento aos Mortos da Grande Guerra de infantaria 20

O Poeta Delfim de Guimarães, querido amigo e bom Vimaranesense que muito quer à sua terra, acaba de reunir, numa elegante Plaquette, com capa do pintor António Piedade, as magníficas produções do seu espírito gentil e delicado, publicadas nas colunas deste jornal, ajudando-meiga e carinhosamente a campanha Pró-Monumento, levantada com entusiasmo pelo «Notícias de Guimarães».

Todos sabem quantos sacrifícios, quantas cansanças, quantos desgostos mesmo tivemos de vencer para levar até ao fim a nossa vontade, que era o desejo de todos, que estava no âmago de todos. Mas Delfim de Guimarães, de alma aberta a todas as boas iniciativas, sempre pronto a concorrer para o bem nome da sua querida Guimarães — que tão bem sabe cantar na sua lira em versos de ouro — publicando, agora, a sua Plaquette, um pensamento ocupou o seu espírito generoso: — o de oferecer-nos 100 exemplares para, com o produto da sua venda, reverter em benefício do Monumento a erigir.

A Plaquette, além das poesias e sonetos publicados neste e noutros jornais, traz inéditos cuja formosura de feição vincam bem a personalidade do seu autor, desprezando de vaidades e simples na maneira de ser do seu espírito humano e cristão.

A Plaquette, ao preço de 2\$50, cada exemplar, encontra-se à venda na nossa Redacção. Estamos certos que os nossos bons amigos e prezados assinantes saberão corresponder ao gesto gentil de Delfim de Guimarães, adquirindo a sua Plaquette, que é de homenagem e de gratidão aos Soldados de infantaria 20, mortos na Grande Guerra.

Notas de bom humor

LISBOA EM FLAGRANTE

A figura mais típica de Lisboa é, sem dúvida, o sr. Sinfrónio — delegado da Polícia — aquele Sinfrónio em que todos ouvem falar, mas ninguém sabe quem é. A sua interessante família, que, conforme ele diz, é uma orquestra muito completa, é constituída pela seguinte ordem: A sogra... sua esposa, que diz conhecer toda a gente, mas ninguém a conhece a ela; a filha, menina muito prendada, que segundo diz a vizinhança é uma boa prenda. O gato, o lúli, e o periquito eram outra família do nosso amigo Sinfrónio. Depois de apresentar ao leitor esta simpática família, vamos procurar o nosso delegado.

Sentado à sua escrivaninha, interrogava um pedinte.

— Mas, então, o que é isto aqui? perguntou o Sinfrónio, dando um murro na mesa.

— É uma esquadra... — disse um polícia, lá do canto.

Virando-se para o pedinte gritou: — Olhe lá, eu não lhe disse, ontem, que não queria ver mais vagabundos na rua?

— Pois, sim, senhor, retorquiu o

pedinte. Mas eu deixei de ser vagabundo. Hoje, sim, eu hoje sou... mendigo.

— Levem-me este homem daqui, gritou o nosso amigo, com os olhos quasi fora das órbitas.

Ainda gesticulava quando o servente lhe veio trazer um telegrama. Nervosamente abriu-o, e leu:

«Tenho a participar que ficaste bem no concurso para pretor.

A tua mulherzinha — Eusébia.»

Mal acabou de ler saiu muito apressado, ficando os guardas muito surpreendidos com a saída tão repentina. Todavia, por muito que o nosso amigo Sinfrónio ande, nós conseguimos chegar primeiro.

A casa onde vivia era asseada, único predicado da D. Eusébia.

A criada cantava uma ária muito nossa conhecida, enquanto a sogra dava água ao periquito; a menina andava a ver as montras e a D. Eusébia fazia crochet. A D. Quitéria — assim se chama a sogra — deixou de dar água ao animalzinho e dirige os seus passos para onde se encontra a D. Eusébia.

— Então, minha filha, vais muito adiantada? — perguntou.

— Um pouco...

— Então não se lancha nesta casa? — inquiriu D. Quitéria.

— Ah! é verdade! fez a esposa do Sinfrónio. Eu vou dar as ordens.

Em passos rápidos, dirigiu-se para a cozinha, mas ao abrir a porta ficou perplexa.

— O que é isto? — perguntou a D. Eusébia, fazendo-se muito corada.

— É uma cozinha... — retorquiu a criada.

— Pois já sei há muito tempo que é uma cozinha. Mas quem é aquele guarda nocturno que acaba de sair daqui?

— É... é... o meu irmão de leite, titubeou a pobre criada.

— É boa! Há duas semanas que você disse que o seu irmão de leite era um bombeiro que vinha todos os dias aqui. Mudou, então, de corpo?

— Mudou sim, minha senhora. Este é mais gordo.

A D. Eusébia retirou-se muito indignada, prometendo que seria imediatamente despedida.

Ainda se encontrava com grande nervosismo quando chegou o marido. O sr. Sinfrónio entrou com ar de quem conquistou alguma coisa.

— Boa tarde, minha querida!...

— Boa tarde...

Reparando na excitação de sua esposa: O que tens?

A D. Eusébia contou tudo ao marido, não esquecendo, porém, de aumentar um pouco. Ficou muito indignado e deu ordens para a criada ser imediatamente despedida.

A monotonia caiu sobre aqueles seres, perturbada de quando em quando pelo chilrear do pássaro.

A's 19 horas foram surpreender o sr. Sinfrónio deitado no chais-long a ler o jornal de ventre para o ar.

— Foi perturbado brutalmente pela voz esganiçada da filha que cantava uma ária da Tosca. A campainha ressoou gravemente chamando o senhor Sinfrónio à refeição da noite.

A noite tinha passado sem novidade. Pela manhã, todos davam os parabéns ao sr. Sinfrónio; era naquele dia que ele, pela primeira vez, ia desempenhar o cargo de pretor.

A D. Eusébia fez um discurso que causou sensação, acabando o nosso amigo de perdoar a criada.

O sr. Sinfrónio saiu muito contente, mas, à porta do registro, teve um precalço: encontrou o mendigo que, dias antes, tinha prendido.

— Uma esmola, meu senhor!...

— Olha, respondeu o Sinfrónio, não tenho trôco. Dei-o a uma mulherzinha, ali, na esquina.

— Não faz mal, retorquiu o mendigo. É a minha mulher!...

— Ficou atônito com a resposta do pedinte, e entrou praguejando.

A sua entrada fez um êxito retumbante no espírito dos empregados. Dirigindo-se-lhes, disse:

— Senhores, fui nomeado pretor. Creio que todos me estimarão como eu vos hei-de estimar.

O primeiro casamento ia seguir-se àquelas suas palavras.

Momentos, depois, o sr. Sinfrónio, com o livro na mão, diz amavelmente à noiva:

— Senhorita, consente em receber por esposo o sr. Anastácio Colete?

— Sim...

E, para o noivo, severamente:

— Acusado, tem alguma coisa a alegar em sua defesa?...

Fatalidade! O sr. Sinfrónio tinha-se esquecido das suas novas funções!...

O sol declinava no poente e as ruas já tinham perdido todo o seu fulgor, quando saiu da repartição. Caminhava meditando e triste. Nas mãos amarrótava nervosamente um pedaço de papel. Desdobrou-o e leu pela vigésima vez:

«Por ter transgredido, por incorrecção, é destituído do seu cargo. — O Presidente.»

Tinha parado meditando sobre o que tinha acontecido. Fatalidade — murmurou.

Recomeçou a andar como um tripuante que voltasse da orgia.

Afastou-se lentamente, esvaíndo-se a figura do sr. Sinfrónio na neblina da noite que se avizinhava.

João da C. Haynaldo.

Lêda e propagaí o «Notícias de Guimarães»

Secção Científica

(Conclusão do número anterior)

Foram sendo tiradas as respectivas conclusões de adição e subtracção de fracções a um valor inicial. E chegando a este ponto e retrocedendo que se consegue? Induzir elementos para uma lei:

Efectivamente, em 2 ou mais espécies de fracções, a soma ou resultado é igual a um produto de 2 factores, sendo o 1.º o produto dos quebrados iniciais, e tendo o 2.º a intervenção, no denominador, do valor básico a um expoente igual à quantidade de espécies — 1.

E em uma só espécie de fracção? Decompondo o quebrado final (a seguir ao de contagem directa) em 2 partes, o 1.º factor é dado igualmente pelo quebrado inicial, e no denominador do 2.º é incluível o valor inicial elevado a zero — quantidade de espécies — 1, visto que uma quantidade elevada a zero representa a unidade e a unidade como factor não acarreta modificação.

Dir-se-á pois:

Em uma integração ou desintegração sucessiva, até qualquer limite, da mesma espécie ou de várias espécies de fracções em quantidade de vezes igual e relativas a cada soma ou resultado imediatamente anterior, tido como já efectuado até ao valor básico incluído, quer inteiro, quer decimal e quer, portanto, também fraccionário, o total ou diferença final obtem-se por esta maneira:

a) Formação de um ou mais valores inteiros ou quebrados iniciais entre o valor básico e cada 1.ª fracção de cada espécie, e realização do produto dêles, no caso de fracções múltiplas;

b) Formação, como 1.º factor, de um valor inteiro ou quebrado final repetindo o inicial ou o produto dos iniciais;

c) Formação de outro 2.º factor, em quebrado, tendo por denominador o denominador comum da fracção ou a multiplicação dos denominadores comuns das fracções, e por numerador essas mesmas quantidades acrescidas ou diminuídas de uma unidade, conforme integração ou desintegração;

d) Elevação de tôdas as quantidades do 2.º factor, quebrado, ao mesmo expoente, igual ao número de fracções — 1 de cada espécie;

e) Inclusão, no denominador do 2.º factor, e a multiplicar, do valor inicial elevado a um expoente igual ao número de espécies — 1.

E como consequência a lei a estabelecer provisoriamente teria uma expressão de ideia aproximada a esta:

A integração ou desintegração sucessiva da mesma ou de várias espécies de fracções em número de vezes igual, até um limite indefinido e infinitesimal no aumento ou diminuição, tem como resultante um produto, cujo 1.º factor é quer a soma ou diferença, quer a multiplicação das somas ou diferenças entre uma ou cada espécie de fracção e o valor inicial, e cujo 2.º factor é um quebrado, com as quantidades dos seus termos elevadas ao mesmo expoente, igual ao numero de fracções de cada espécie — 1, quantidades essas com +1 ou -1 no numerador, dadas pelo denominador ou multiplicação de cada denominador de cada espécie de fracção, acrescidas, a multiplicar, no divisor, do valor inicial elevado a um expoente igual ao numero de espécies de fracções — 1.

Surge, é certo, uma ou outra dificuldade no confronto verificativo com o resultado da operação pela forma usual, mas é apenas aparente e englobável na fórmula geral.

Mostra-se isso pelos seguintes exemplos:

INTEGRAÇÃO | DESINTEGRAÇÃO

Equations showing integration and disintegration of fractions, such as 1/2 + 1/3 = 5/6 and 5/6 - 1/3 = 1/2.

Tudo se resume, pois, em dar, se preciso, por denominador a um valor a unidade, e em reduzir o quebrado final, se redutível, como 2/1 x 3/2 = 6/2 = 3.

Se se reparar agora, quanto a 2 espécies de fracções com valor básico — a unidade, e integração, no 1.º factor do quebrado final, factor que é 3 x 3² / 2 x 2² = 27/8 = 3,375, notar-se-á que assim como por vezes é adquirível uma solução gráfica exacta, que resulta incomensurável numericamente, assim sucede com os quebrados, perante a divisão directa, pois é adquirível a soma da unidade mais 1/3, sendo para isso suficiente fazer 1 = 1/1 = 3/3 que com 1/3 produzem 4/3, chegando-se depois à solução exacta de 3,375, quando pela divisão directa se originária para quociente de 1/3 da unidade o número incomensurável de 0,3..., e não se chegaria àquela solução exacta.

Findo este trabalho, é ocasião de responder às 3 perguntas no principio indicadas, em harmonia com as fórmulas de integração e desintegração.

Antes porém dessas respostas compre-me pedir desculpa de qualquer lapso, visto que em quebrados, mesmo abstratos, e por isso quanto mais concretos!, especialmente quando neles entram zeros, nunca me senti firme:

Assim é que sabendo que a décima parte de 100 são 10, que com aqueles somam 110, se colocar os 100 e a sua décima parte em quebrado 100 + 10/100 e reduzir ao mesmo denominador obtemho 10.000 + 10 = 10.010/100 = 100,10, ou 100 mais um décimo da unidade. E por forma que se pedisse emprestado a um perito em contas 100\$00 ao juro de 10/100 (10%) no final pretenderia convencê-lo a pagar-lhe de juros, não 10\$00, mas um décimo de escudo! Tal a minha deficiência.

Para evitar êsses contratempos e para uso próprio resol-

vo deixar os 100 como inteiro e pôr 100 em factor e então tenho (1 + 0,10) x 100 = 1,1 x 100 = 110. Resta-me saber se essa operação será a legitima.

Eis as respostas:

1.ª Uma só fracção e valor básico diglto — a unidade!

Equation: 1.000 / 100 = 10 x 1.000 = 10 x 10^3 = 10^4 = 10.000

2.ª Uma só fracção e valor básico diferente da unidade!

Equation: 210 / 100 = 2.100 = 21 x 100 = 21 x 10^2 = 2.100

3.ª

a) Montante de letra: 2 espécies de fracções e valor básico, factor de denominador, = 1ª

Equation: (1/2 x 1/3) x 1.000 = 1.000 / 6 = 166,666...

b) Restante em débito: 2 espécies de fracções e valor básico, factor de denominador, = 2ª

Equation: 1/2 x 1/3 = 1/6 = 0,16666...

Regilde, Felgueiras, 30-3-1936.

A. A. de Magalhães e Silva.

P. S.

ÁREA DO CÍRCULO

A propósito dela, referida ao exterior, vem alguns diários de 1 do corrente uma pequena notícia, embora sem relêvo.

E quer porque a solução seja verdadeira, quer porque outra venha a se-lo, o que não inibe de o poder ser também a que obtive — por motivos não meus julgo útil ficar consignado no «Noticias de Guimarães» o seguinte:

O trabalho meu sobre a área do círculo foi publicado em 12-1-935 e reporta-se a duas datas desse ano, a 1.ª, hipótese, de 23-1.º, e a 2.ª, verificação, de 9-11.º.

Não técnico como conviria, e de demonstração indirecta, nem por isso deixei de basear-se em que «duas cousas iguais a uma 3.ª são iguais entre si».

Que crédito terá merecido a minha solução? Geralmente somos cépticos sobre as nossas novidades... E no entanto eu creio nela. Há porém uma prova decisiva ao alcance de qualquer pessoa, por meio de uma esfera ou de um círculo, prova não experimentada por mim e portanto aleatória, dependente de confirmação.

Para um círculo: área dêle = PI x R², e PI = 3,1415 adoptado e 3,1339 obtido. Daí, concretizando, com o raio de 50.ªª as áreas respectivas são de 7.853 e 7.834 mm.², havendo diferença de uma para outra de 19 unidades — mm.², e que seria do quadruplo se o raio fosse duplo.

Supondo então que cada mm.² pesava um grama, é evidente que a área do círculo teria de pesar 7.853 gr., conforme o valor de PI, com a diferença de 19 gr.

E para efeito de pesagem, mesmo numa balança sensível que pesa até 100 gr. e acuse uma diferença de centigramas é suficiente:

Descrevendo numa folha metálica, perfeita de espessura ou de distribuição igual de pêso, uma circunferência de 50 mm. de raio, cortando-a nitida pela curva, e cortando ainda da mesma folha uma quantidade de mm.², por exemplo 16, a verificação é singela:

Imaginando que êsses 16 pesam 16 centigramas, cada mm.² pesa 1 centigr. E se cada mm.² pesa um centigr. quanto há-de pesar o círculo? Claramente que 7.853 centigr. (78 gr.,53) ou 7.834 centigr., menos 19 unidades-pêso, centigr., segundo for verdadeiro um ou outro valor do PI. O que dirá a balança? A sua resposta é a decisão.

De vantagem seria a experiência cuidadosa, porque se mostrasse a verdade da solução obtida, esta, posto não tratada ainda tecnicamente, não deixaria de, antecipadamente a outra estranha, ter sido portuguesa.

2-5-1936.

A. A. M. S.

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital. (61) R. de St.º António, 83, 85 e 85 A.

TIPÓGRAFO Compositor, habilidade, ofereça-se. Carta a D. R., para esta Redacção. Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

Ribeiro, Filho ALFAIATE

Convida os Ex.ªs Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além dêsses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade.

Tubos usados

de tôdas as dimensões, para canalizações de água e em muito bom estado de conservação, vendem-se quasi de graça na

CASA FERRO RUA DA REPÚBLICA, 34 (110) GUIMARÃIS

Da Cidade

Apresenta-se, hoje, em público o Orfeão de Guimarães — Promete revestir extraordinária imponência a festa de apresentação do Orfeão de Guimarães, cujo programa já publicamos, em resumo, no nosso último número.

Sabemos que do Pôrto veem algumas pessoas assistir ao Sarau que, como já dissemos, tem lugar num dos Salões da V. O. T. de S. Francisco que se encontra artisticamente decorado.

O Sarau iniciará-se ás 22 horas. De manhã, ás 11 horas, será celebrada uma missa na igreja de S. Francisco, por alma dos sócios falecidos, sendo aquêle acto acompanhado pelo Orfeão que entoará algumas composições adequadas.

Excursões — Estiveram nesta cidade, em passeio, os alunos do 6.º ano de Letras do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto; os alunos do 5.º ano do Liceu Sá de Miranda, de Braga, e os alunos da Escola Conde de Ferreira, de Vila do conde, bem como diversos outros estabelecimentos de ensino, grupos recreativos e muitas famílias, que admiraram os Monumentos locais.

— No próximo domingo, dia 7, realiza-se uma grande excursão a esta cidade promovida pelo «Grupo Excursionista os 12 talheres» e dedicada aos Bombeiros Voluntários, ao Grupo Recreativo 20 Arautos de D. Afonso Henriques e ao Grupo Dramático Vimaranesense.

Os excursionistas serão festivamente recebidos na estação do caminho de ferro e realizarão à tarde um *pic-nic* na Estância da Penha.

Pelo tribunal — Em tribunal colectivo respondeu há dias José de Freitas Costa, solteiro, operário fabril, de 22 anos, natural de Fafe, acusado dos crimes de falsificação e burla, sendo absolvido pelo de burla e condenado apenas à prisão já sofrida, pelo crime de falsificação, visto não ter prejudicado terceiros. Foi seu defensor o distinto advogado da vizinha Comarca de Fafe, sr. dr. Pairedio de Matos.

As festas da Revolução Nacional, em Braga — No passado dia 20 foram desta cidade a Braga, assistir ás festas comemorativas da Revolução Nacional, algumas centenas de operários, representantes da Câmara e da União Nacional, Academia, Comandante dos B. V., banda dos Bombeiros Voluntários, etc., etc.

Durante o dia foi grande o movimento de carros e caminhetas entre as duas cidades.

Festa do Espírito Santo na Lapinha — Conforme programa publicado no último número do «Notícias» realiza-se hoje a Romaria do Espírito Santo, na Lapinha, que será abrilhantada por duas afamadas bandas de música, havendo um grande arraial e imponentes solenidades religiosas com uma vistosa Procissão, etc.

Esta Romaria que de ano para ano vem atingindo maior brilho, costuma atrair ao pitoresco local da Lapinha muitos Romeiros d'este e de outros concelhos.

Durante o dia de hoje haverá entre esta cidade e o local da Romaria carreiras de caminhetas.

Irmandade de Santo António — Realiza-se hoje, pelas 9 horas da manhã, a costumada distribuição de borbadas de pão por 120 pobres e na próxima segunda-feira, dia 1 do próximo mês de Junho, principia, pelas 7 horas da manhã, com relativa solenidade, a trezena de Santo António, promovida pela sua respectiva Irmandade que acidentalmente se acha colocada na Capela da V. O. T. de S. Domingos, como preparação para a festividade que a mesma Irmandade há-de fazer celebrar no próximo dia 14, indicando-se oportunamente o seu respectivo programa.

Récita elegante. Festa dos

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesense)
Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência.

Porém antes de continuarmos estas ligeiras linhas que vimos escrevendo, cumprê-nos o dever de prevenir os leitores contra qualquer censura, em hora descabida, que nos façam, por nalguns pontos não sermos mais por menorizados. A isto respondemos muito perentoriamente que os nossos estudos são sinópticos e que somente temos em vista neles tratar quanto de inédito nos seja possível descobrir sobre os seus vários assuntos. E' a isto que damos a preferência, pois mais tarde certamente aparecerá quem, coligindo estas nossas poucas notícias, delas se aproveite para mais desenvolvidamente tratar da história local.

Grande mágnã nos acompanha por não nos poderemos utilizar do muito que deve haver manuscrito na Biblioteca Nacional, na da Ajuda, na Academia das Ciências, no Arquivo da Torre do Tombo, nos Feitos Fidos, ainda por organizar, no depósito do Convento de Santa Joana, Casa do

estudantes de preparatórios universitários — Visitaram-nos, há dias, alguns distintos Académicos da Universidade do Pôrto que nos falaram da sua próxima festa, em Braga, no Teatro Circo, a realizar no dia 6 de Junho, em que será levada à cena a interessantíssima revista «*Pôrto ida e volta*», que tanto sucesso alcançou ultimamente, no Teatro Carlos Alberto, do Pôrto.

Beneficência do «Notícias» — Por lapso saiu errada, no nosso último número, a importância oferecida pelo nosso amigo sr. Armindo Diniz Dias Corais para os pobres do «Notícias», que foi de 8000 e não de 20000.

De luto — Pelo falecimento de um seu cunhado, ocorrido em Braga, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e estimado proprietário, da casa do Telhado, freguesia de Atães, d'este concelho, sr. António José Ribeiro, a quem apresentamos condolências.

Paulino Ferreira Leite — Fixou residência na Póvoa de Varzim, onde já abriu um grande Restaurante, o nosso prezado confrater e amigo sr. Paulino Ferreira Leite, que, entre outros, dirigiu nesta cidade os Hoteis do Tournal e da Penha, bem como o Hotel das Termas das Taipas, tendo-se revelado um hoteleiro conhecedor. Desejamos-lhe as maiores felicidades.

Carreiras de Caminhetas - Guimarães - Pôrto - Póvoa — O horário das carreiras de caminhetas entre Guimarães e Pôrto, de que é proprietário o nosso amigo, sr. João Ferreira das Neves, sofreu alteração, ficando a realizar-se até ao fim do mês de Setembro, ás 19,15 horas, a carreira desta cidade para o Pôrto, que safa ás 18,15 e ás 18,30 a carreira do Pôrto para Guimarães que daquela cidade safa ás 17 horas.

Também já está organizado o serviço de transportes entre Guimarães - Póvoa de Varzim e vice-versa, com o seguinte horário:
Partidas de Guimarães, dias úteis, ás 7,15 e aos domingos ás 8,10 horas.
Comemorando o «28 de Maio» — Comemorando o aniversário da Revolução do 28 de Maio estiveram encerradas, na quinta-feira, todas as repartições públicas e estabelecimentos de ensino, estabelecimentos comerciais e industriais, etc.

Os edifícios públicos, Associações de Classe e de Recreio, Instituições de beneficência, etc., embandeiraram.
Durante o dia ouviram-se salvas de morteiros e acordes musicais e no Jardim público realizou um concerto, durante a tarde, a Banda dos B. Voluntários.

P. Gaspar Roriz — Reünem àmanhã diversas entidades para tratar da homenagem póstuma ao saudoso vimaranense P. Gaspar Roriz.

Homenagem a uma artista vimaranense — Na passada quinta-feira, no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, foi prestada justa homenagem à distinta pianista vimaranense, ex.ª sr.ª D. Margarida Policarpo Teixeira, pelos componentes do Grupo Cénico «Mocidade Alegre», como «preito de agradecimento pelo auxílio dispensado a este grupo por aquela gentilíssima dama. Foi servido um *Porto de Honra*, fornecido pelo acreditado *Restaurant Teixeira Mendes*, desta cidade, findo o qual a homenageada foi presentada com uma ampliação de uma fotografia sua — formoso trabalho da Foto-Beleza.

Ao *toast* brindaram além do director artístico daquele grupo, os srs. João Xavier de Carvalho e Miguel Rodrigues.
A homenageada agradeceu muito reconhecida e sensibilizada.

Casamento — Na paróquia de S. Tomé d'Abação realizou-se no

Infantado, Bens da Corôa e outros, onde há muita papelada poeirenta digna de ser manuseada, donde se extrairiam muitíssimas e aproveitáveis notícias para completar a história do antigo burgo vimaranense, pois, como todos sabem, falta ainda muito para esse fim. Portanto é da máxima conveniência que se forme um grupo de vimaranenses cultos, cuja preocupação seja organizar tudo quanto possam para reconstituir a gloriosa história da sua terra. Uma pessoa só pouco ou nada pode fazer porque a colheita é grande e demanda trabalho, tempo e dinheiro. Cada um dos componentes desse grupo pesquisaria e investigaria a sua terra sob um determinado aspecto ou modalidade de ser e depois tudo reünido constituiria a verdadeira história local. Avante, pois, ilustres vimaranenses.

Dito isto, vamos hoje principiar a tratar dos fastos religiosos vimaranenses.
E' certo que nas *Crônicas das Ordens monásticas* impressas se encontram muitos dados que nos podiamos dar ao trabalho de copiar, mas para quê, se já são mais ou menos conhecidos? Não o fazemos. O que nos prende é apenas o que manuscrito encontramos acerca do assunto em códices

passado domingo, com grande solenidade, o enlace matrimonial do nosso bom amigo sr. Albino Duarte Guimarães com a ex.ª sr.ª D. Maria Eulália Cardoso. Foi celebrante o pároco da freguesia, que proferiu uma alocução alusiva ao acto.

O templo ostentava uma vistosa decoração e estava adornada com numerosas flores e lumes em grande profusão e no côro fez-se ouvir um conjunto de vozes acompanhados a harmonium.

Em casa do pai da noiva foi oferecido aos convidados, que eram em grande número, um primoroso banquete.
Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Cinema Sonoro — Na Parada dos Bombeiros devem iniciar-se hoje as sessões do Cinema Sonoro que, durante o verão, ali vão realizar-se, sendo exibido o interessante fono-filme «*As Pupilas do Sr. Reitor*», que tanto sucesso tem obtido por toda a parte.

A Empresa Jacinto Guimarães — Francisco G. Cunha, procura facilitar os vimaranenses com os melhores *films* da actualidade e dotou aquêle recinto com as maiores comodidades, pelo que é de esperar grande concorrência de espectadores.

Novo estabelecimento — O nosso bom amigo sr. Francisco da Cunha Mourão, estimado e activo agente dos afamados productos ATLANTIC acaba de montar o seu escritório de Comissões e Representações na Praça de D. Afonso Henriques n.º 93, 94 e 95.

A falta de espaço não nos permite fazer, hoje, uma mais larga referência aquêle novo estabelecimento, do que nos ocuparemos oportunamente.
Mês de Maria — A conclusão do Mês de Maria que na capela de Nossa Senhora da Guia se havia de realizar hoje, como noticiamos, ficou adçada para a próxima terça-feira, com o seguinte programa: Missa cantada ás 8,45 e conclusão, consagração à Virgem e bênção do SS.ªo ás 17 horas (5 da tarde).

JERÓNIMO MARTINS DA ROCHA

Antigo Magistrado
ADVOCADO
ESCRITÓRIO:
R. Mousinho da Silveira, 310-2.º
Telefone, 6033. RESIDÊNCIA:
Rua Mousinho da Silveira, 117
— P O R T O —

Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na Filial Pimenta Machado.

NOTICIAS PESSOAIS

António de Sousa Lima

Passou ante-ontem, dia 29, o aniversário natalício do nosso querido amigo sr. António de Sousa Lima, illustre 2.º Comandante dos Bombeiros Voluntários, espírito empreendedor e activo de cuja acção muito tem a esperar aquela humanitária e briosa Corporação Vimaranesense.

O «Notícias de Guimarães», que tanto o admira e estima, apresenta-lhe as mais sinceras felicitações.

Cónego Alberto da Silva Vasconcelos

Amanhã, dia 1 de Junho, passa o aniversário natalício do nosso illustre amigo sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, figura prestigiosa da nos-

antigos, através da poeira dos séculos. Tratemos dos Conventos primeiramente:

De S. Domingos

O primeiro desta Ordem que houve em Portugal, ainda na vida de Frei Domingos Gusmão, foi edificado, em Monte Junto, nas proximidades de Alenquer, cerca do ano 1218, sendo o de Guimarães o quarto, construído sob a invocação de N. S. das Neves primitivamente na antiga rua da Sapataria, actualmente da República, no ano de 1271, demorando oito anos a sua conclusão. Foram seus fundadores Frei Alvaro, prior do convento, seu congener, do Pôrto, e Frei Estevão, devidamente autorizados por documentos pontíficos.

A sua primeira construção foi porém mandada demolir pelo rei D. Denis pelo mal que ela lhe causou na guerra que manteve contra seu filho quando do este pôs assédio à vila, tendo por isso os frades mudado de sitio, indo ocupar, em 1375, aquêle em que actualmente se encontra o respectivo edificio e para cujo fim muito contribuíram a Câmara, o povo e os magistrados da vila com seus bons esforços, excitados pelas obrigações apostólicas dos frades Frei Pero Gonçalves, Frei Lou-

sa terra, que os vimaranenses admiram e respeitam, reliquia da saudosa Colegiada de Guimarães e antigo Professor do Seminário e do Liceu desta cidade.

O «Notícias de Guimarães», apresenta-lhe os seus cumprimentos respeitosos.
— Completou no dia 28, 6 anos de idade, o interessante menino Vitor Manuel, filho do nosso bom amigo sr. Arnaldo Alp in da Silva Menezes. Parabéns.

Teixeira da Mota

Deu-nos, há dias, o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e camarada de «*A Voz de Fafe*», sr. Teixeira da Mota Júnior.

Doentes

Tem continuado a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, que, como noticiamos, foi submetido há dias, no Pôrto, a uma operação. Desejamos-lhe o pronto restabelecimento.

— Como noticiamos, já foi submetida a uma melindrosa operação, em Coimbra, a esposa do nosso amigo sr. Alexandrino Graça, tendo-se acentuado as suas melhoras.

— Tem passado bastante incomodado o nosso illustre camarada de «*O Comércio do Pôrto*», sr. José Joaquim da Silva Couto, que ultimamente recolheu à Ordem do Carmo, do Pôrto. Desejamos-lhe o pronto restabelecimento.

Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Guilherme de Menezes, conceituado negociante em Pico de Regalados.

— Regressou de Lisboa o nosso amigo sr. Sebastião Mendes, activo industrial.

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado
R. Gravador Molarinho — Guimarães
— TELEFONE 172 —

FALECIMENTOS

Numa Casa de Saúde, em Coimbra, onde há bastante tempo se encontrava em tratamento, motivo porque abandonara os seus estudos de engenharia, faleceu, há dias, inesperadamente, o sr. Artur Jorge Guimarães, filho do saudoso capitão sr. Artur Jorge Guimarães e primo dos nossos estimados amigos e conterrâneos srs. drs. Adelino Ribeiro Jorge e Alberto Ribeiro Jorge.

O seu cadáver foi trasladado para esta cidade ao princípio da noite de segunda-feira, com o acompanhamento de pessoas de família, ficando depositado, em *Chimara Ardente*, na residência do sr. dr. Adelino Jorge, até ás 11 horas da manhã de terça-feira, hora a que, com numeroso acompanhamento, foi trasladado para o Cemitério Municipal, em cuja capela se celebrou a missa de corpo presente e os officios de sepultura. A chave da rica urna que encerrava o corpo do extinto, foi entregue ao seu primo e nosso bom amigo sr. dr. Adelino Jorge. Após os officios o cadáver foi depositado em jazigo de família.

A família entulada e especialmente aos srs. drs. Adelino e Alberto Jorge apresentamos cumprimentos de pesar.

— Contando 91 anos de idade, faleceu o sr. Domingos da Costa, sogro do importante industrial sr. José Pinheiro Guimarães. O seu funeral realizou-se na quarta-feira de manhã, com numerosa assistência, na capela do Cemitério Municipal.

A família dorida apresentamos as nossas condolências.

DESPORTO

O «Vitória» em Monção

Em retribuição da visita do «Desportivo» de Monção, o «Vitória» foi a esta vila no domingo anterior, e aí recebeu com requintes de gentileza,

rengo Mendes e Frei Gonçalo da Amarante, realizados tanto dentro da vila como no seu termo. A edillidade vimaranense ofereceu-lhes então o terreno e os féis os auxilios monetários para levarem a cabo a construção do convento que effectuaram depois de obtidas novas bulas. E' um documento de estilo gótico. Muito subsidiaram também esta construção os prelados de Braga, D. Lourenço Vicente, e o de Burgos, o filalgo Rui Vaz Pereira e sua mulher D. Maria de Berrêdo, João Afonso, de Briteiros, e muitas pessoas nobres da terra.

A sua igreja ampla e elegante comporta três naves e cinco arcos. O seu interior é rico em boa talha dourada, bem conservada.
Em atenção à generosidade daquele arcebispo de Braga foram colocadas as suas armas episcopais brasonadas por cima do arco da capela-mor no espelho da vidraça colorida ou rosácea. Do lado da Epistola desta capela foi sepultado, em túmulo próprio, o venerável Frei Lourenço Mendes, varão de grandes virtudes e um dos fundadores, como já dissemos. A porta principal ou da sua entrada, mandada fazer em 1770 pelo fidalgo Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, em cuja parte superior é sobrepujada por uma rosácea,

Atelier de Vestidos e Chapéus

de

Armanda da Fonseca

Rua da República, 91

(113)

Onde se confeccionam as mais lindas toilettes, com brevidade e economia.

Em chapéus, últimos modêlos

CHAPÉUS CAMISAS GRAVATAS MAQUIAS PERFUMES MIUDEZAS ARTIGOS DE BORDADA

AGENTE Tabac

CASA DAS GRAVATAS

170, PRACA AFONSO HENRIQUES, 172 - RUA 31 DE JANEIRO 5

TELF. 188 GUIMARÃIS

(112)

que calou fundo no espírito daqueles que acompanharam o grupo local.

O encontro foi ganho pelo «Vitória» por 4 a 2, num ambiente simpático e sensibilizador, que a correção dos dois *teams* serviu para tornar mais grata e afectuosa a visita.

Aproveitando o feriado de quinta-feira, jogou, em Benlhevi, o filial do «Boavista» em Braga, perdendo com as reservas por 10 a 0.

O jogo foi fraco em qualidade, e os visitantes foram facilmente vencidos mesmo pela acção inferior dos reservistas do «Vitória». A primeira parte foi sofrível, mas a segunda foi bastante má. Com dificuldades inúmeras, os locais conseguiram avançar em bons termos e o jogo correu sempre sem qualidade definida ou agradável. Os visitantes não permitiram a Elísio uma única defesa, e isso basta para ajuizar do seu valor!

Arbitrou João Passos e o seu trabalho não foi dos melhores.

Ouvimos, a nosso lado, referências nada elogiosas para certas durezas demasiadas que alguns jogadores teem por costume empregar. A frequência do jogo duro é agora habitual e nunca o auxílio duma ambulância bem apetrechada foi tão precisa como nestes momentos que atravessamos. Já quasi passamos despercebidas as vezes que ao seu auxílio vão recorrer, procurando um lenitivo para os seus sofrimentos e um *penso* para as suas feridas os jogadores, vítimas a maior parte das vezes da própria violência de que fazem uso.

Hoje, o *foot-ball*, já não é a luta da habilidade contra a habilidade; da técnica contra a técnica; da estratégia contra a estratégia; antes, pelo contrário, é o combate da força contra a força; e da brutalidade contra a brutalidade.

Generalizar esta afirmação seria erro; há excepções exemplares — o desafio do «Vitória» em Monção a que atrás nos referimos.

Contra essa forma deshumana de jogar os protestos fazem-se ouvir a cada passo e alguns Clubs, cónscios do seu desportivismo, têm castigado os seus jogadores em pesadas penas, tentando, assim, salvar o resto de beleza que o *foot-ball* ainda encerra, evitando aquêla animalidade selvagem e perverter um espectáculo agradável e útil, cheio de côr, vida e movimento, numa luta brutal sem elevação, nem sentimentos.

Almeida Ferreira.

Festival Desportivo, em Freamunde

No próximo domingo, dia 7 de Junho, realizar-se-á, em Freamunde, um atraente festival desportivo, que

constará de Basket-Ball, Futebol e concerto pela afamada banda de Freamunde.

Um atraente match de *Basket-Ball*, desporto pela primeira vez visto nesta região, e o mais elegante, ágil e saudável exercicio em campo, entre os grupos de Honra dos dois clubs campeões do norte de Portugal

Futebol Club do Pôrto e Estrela e Vigorosa Sport Club

Um renhido desafio de Futebol, entre o Onze Reservas do

Futebol Club do Pôrto o mais popular e apreciado grupo do norte do país, e o Onze de Honra do

Freamunde Sport Club verdadeira revelação regional.

Um esplêndido concerto musical pela banda de Freamunde, a mais legitimamente afamada flarmónica nortenha, sob a direcção do sr. actual regente, o ex.º sr. António Tavares da Silva, sub-chefe músico, da extinta Banda da Guarda Nacional Republicana do Pôrto e da Banda do Regimento de Infantaria n.º 8, de Braga.

PROGRAMA

A's 14 horas — Abertura ao público do Campo do Carvalho e entrada da Banda de Freamunde, que dará início à festa com a 1.ª parte do seu programa.

A's 15 horas — Match de *Basket-ball*. A's 16 horas e meia — Desafio de *Futebol*.

A's 18 horas — Concerto pela afamada Banda de Freamunde, 2.ª parte do programa.

Preços verdadeiramente populares.

Bancada, 4\$00 — Geral, 2\$00.

Venda de bilhetes: — Até ás 12 horas do dia 7 de Junho de 1936, nos estabelecimentos seguintes: Ernesto Taipa, Maximino Nunes, Armando Oliveira e António José de Brito & Filhos. Depois dessa hora, nos quichês do Campo do Carvalho.

Nota — Para os sócios, bilhetes especiais à venda em casa do sr. Armando Oliveira.

Curiosidades Mundanas

O casamento e a superstição

Em Nova York, a média dos casamentos celebrados à sexta-feira não vai além de 75, enquanto que, nos outros dias da semana, eleva-se a 150.

Um órgão monstro

O maior órgão do mundo está na Catedral de Saint-Etienne, em Passau. Possui 208 registos, 5 teclados, e 16.105 canudos. Vale alguns milhares de francos.

prior do de Aveiro, de 61 anos; o rev. Frei Agostinho da Purificação Teixeira, de 84 anos; o rev. Frei José de Santo António, Vigário, de 84; o rev. Frei José de Santa Rosa de Lima Almeida, de 62; o rev. P.º Frei João da Graça Salgado, pagador geral, de 49 anos; o rev. P.º Frei Jerónimo de Santa Rita Melo, de 47; rev. P.º Frei Francisco Pontes, de 48; rev. P.º Frei João de Santo Agostinho Macedo, leitor, de 43; rev. P.º Frei José Sacramento Silva, de 44; rev. P.º Frei João de S. Jacinto Machado, de 42; rev. P.º Frei Domingos do Rosário Silva, de 48; rev. P.º Frei José de Matos, de 42; rev. P.º Frei Manuel Joaquim de Sant'Ana, de 46; rev. P.º Frei João de Santa Rosa Pinheiro, de 42; rev. P.º Frei Manuel de Jesus Maria, de 45; rev. P.º Frei António de Santa Leocádia, de 43; rev. P.º Frei Bento de Santa Joana, de 37; rev. P.º Frei Fortunato de Santa Rosa de Lima, de 36; rev. P.º Frei António de S. Tomaz de Sousa, de 35; e o rev. P.º Frei José de Santa Catarina, de 32.

Porém as suas celas, incluído as das officinas, tinham capacidade para uns 30 a 35 religiosos.

(Continua.)

P.º Alberto Gonçalves.

Do Concelho

Caldas das Taipas, 28.

Um grupo de estudantes da Escola Industrial, de Braga, levaram a efeito, no pretérito domingo, no Cine-Salão desta localidade, um interessante espectáculo, que decorreu animadíssimo.

Os números levados à cena eram de um belo efeito, mantendo a assistência em constante gargalhada.

Todos os personagens se houveram hábilmente no desempenho dos seus papeis, destacando-se — sem melindre para ninguém — Romeu Ferreira na comédia *O Hospede de Penhor*, Adolfo S. Pinto no papel de soldado da comédia *Um Conselho de Guerra*, e Carmen Barbosa nas canções *O Salão* e *Por Causa d'Elá*, que desempenhou magistralmente, provocando ininterruptas ovações.

Gomes da Costa, muito regular, carecendo de mais um pouquinho de naturalidade.

O público ficou plenamente satisfeito e pena foi que, por falta de propagação, o salão se não enchesse como seria de esperar, compensando os pobres rapazes do esforço que fizeram.

Com destino à velha e nobre cidade de Guimarães passaram aqui ontem, pelas 11 horas, S. Ex.^{as} os Senhores Presidente da República e Dr. Oliveira Salazar, ilustre Presidente do Ministério.

Eram aqui aguardados pelos membros da Comissão da União Nacional local, Bombeiros Voluntários, empregados municipais, professores e crianças das escolas e muito povo senão feita uma calorosa manifestação. — Abrem no dia 7 de Junho próximo os estabelecimentos termas e o Hotel das Termas, iniciando-se a época termal.

Por tal motivo anda a proceder-se, por ordem do ilustre vereador e nosso prezado amigo Ex.^{mo} Sr. Joaquim Ferreira Monteiro, a limpeza das ruas e amanho dos jardins.

Não poderá a Câmara mandar intimar os proprietários a limpar as fachadas dos seus prédios de forma a que se dê à povoação um aspecto de limpeza e asseio?

S. Torcato, 30.

Diversas notícias

No domingo passado, foi esta estância e o majestoso templo do milagroso mártir S. Torcato, muito visitados por forasteiros, que em caminhetas e automóveis se transportavam, procedendo de diferentes pontos do País. Alguns destes visitantes, que era a primeira vez que vinham, ficaram admirados do seu importante templo com as suas duas gigantescas torres e muito maravilhados ao ouvirem os variados repiques dos sinos, nos quais muito se distinguia o sr. Adelino Alves Pontes, empregado do Santuário.

Depois de um demorado passeio nos belos terreiros, seguiram para a capela da água do Santo, que também muito admiraram, a Capela modernamente construída e com um lindo altar bem ornamentado com a linda imagem do nosso milagroso S. Torcato. Estes ótimos melhoramentos, ultimamente feitos pela Meza da presidência do sr. Alberto Pimenta Machado, importante capitalista e industrial de Guimarães, que muito se tem interessado pelo bem-estar desta terra e a quem muito agradecemos a continuação da construção do lago do Santuário, têm deixado bem impressionados todos quantos ali vão.

No domingo último, procedendo da Escola Conde Ferreira, de Vila do Conde, e acompanhados dos seus ilustres professores, visitaram este importante local e o Majestoso templo, cerca de 120 crianças.

Na noite de domingo passado, no lugar das Quintais, Quinta do Paço, da vizinha freguesia de Rendufe, faleceu, com 50 anos, o sr. Abílio Fernandes, casado, que na véspera havia caído desastrosamente numa média de restólho, batendo nuns pedregulhos. A sua infelicidade e morte foram muito sentidas, porque era o amparo de seus pais, esposa e uma filha menor. Bom visinho e bom amigo era muito caritativo e possuidor de boas qualidades, deixando, por isso, profundo sentimento em quantos o conheciam.

Descance em paz. A família enlutada os nossos pésames.

Na semana passada, no lugar de Cegade, desta freguesia, audaciosos gatunos furtaram de casa da tecedeira Cândida da Silva uma teia de algodão no valor de 250\$00.

Está-se procedendo a averiguações.

No lugar de Cutiães, da freguesia de Gonça, o nosso amigo, sr. José Torcato Ribeiro, proprietário em Paços, procede activamente à construção dum bairro de casas económicas, pelo que é digno do maior elogio.

Este optimo melhoramento progressivo, que aquêle nosso compatriota está fazendo, não só vem atenuar a crise de habitação como também a falta de trabalho.

Oxalá que outros capitalistas lhe seguissem o exemplo.

Na igreja matriz desta freguesia, celebraram as seguintes missas de sufrágio: segunda-feira, por alma de Maria da Mota; terça-feira, por alma

da menina Maria Eliza, da casa das Quintais; e Quinta-feira, por alma do nunca esquecido António Alves de Freitas Tôres.

Foram muito concorridos estes actos.

C.

Carta de Lordelo

Fontenários — Associação Bovina — A estrada de Lovazim.

(Retardada)

Maio, 18 — A notícia que os jornais puzeram a correr da próxima distribuição de 40.000 escudos pela Câmara de Guimarães, para destinar à construção de fontenários nas freguesias do Concelho, surpreendeu a população de Lordelo, por não estar incluído na lista das referidas freguesias, o nome da nossa Terra, que mais do que nenhuma precisa desse melhoramento.

Lordelo não tem uma única fonte pública, que decentemente assim possa ser chamada!

E não se julgue que, pelo facto de Lordelo ter água demais nos caminhos... em qualquer canto quem quer se pode dessedentar. A água dos caminhos não tem nada que vêr com a água das fontes!...

Também se não julgue que a ex.^{ma} Câmara ignora a nossa miséria no que diz respeito a fontes. Algumas vezes aqui temos falado nelas e ainda numa das vezes que o ex.^{mo} sr. Presidente aqui veio se teve o cuidado de mostrar a sua ex.^{ma} o estado da melhor fonte pública de Lordelo, a Fonte Nova, que abastece uns poucos de lugares, dos mais importantes da Freguesia...

Porque se esqueceu então sua ex.^{ma} de incluir Lordelo no número daquelas freguesias a beneficiar?

Esperamos ainda que justiça nos seja feita, neste assunto, como de resto, a esperamos em tudo o que é justo, que peçamos.

Realizou-se, ontem, uma parada de gado bovino dos lavradores de Lordelo, como preliminar de organização duma nova Associação de seguros contra accidentes, doenças ou desastres no gado inscrito.

São óbvios os benefícios de qualquer regimen associativo e bem precisa a lavoura de se defender contra a grave crise que atravessa, não sendo a menor das suas defezas a cooperação entre lavradores, que, como no caso, procuram guardar-se, pela divisão colectiva de prejuizos no gado, daquêles que, vizinhos, arrostariam, se não fora a Associação.

Vamos a vêr, entretanto, se conseguimos vêr claro numa questão que com esta instituição agrícola se prende.

Em Lordelo existe já, há muitos anos, uma Associação do género, fundada por um grupo de lavradores à frente dos quais muito se notabilizou e muito trabalhou o falecido sr. Alberto Veloso de Araújo.

Este Lordelense ilustre, conseguiu que a Bovina tivesse vida desafiada, que realizasse festas associativas e grandes paradas de gado vacum, ainda hoje importantíssimas, levou à aprovação de quem de direito o seu estatuto, fazendo assim com que em Lordelo se criasse a primeira associação de gado das cercanias.

Esta associação está de pé, continua por direito a ter a sua sede em Lordelo, embora de facto o núcleo da sua grande actividade tivesse passado à vizinha freguesia de Guardizela, onde um importante e dedicadíssimo proprietário, o ex.^{mo} sr. Alcindo Dias Pereira, muito inteligentemente a soube acarinhar, poupando-a assim duma decadência, que a incúria e o pouco interesse dos seus fundadores teriam provocado.

Mas existe, o que é facto. E essa Associação é, de direito, de Lordelo.

Esta realidade provoca-nos, pois, alguns reparos à fundação duma nova Associação Bovina, por razões que queremos patentear, tanto quanto no-lo permita o espaço reservado a estas «Cartas»:

1.ª — Como vai viver, economicamente, é claro, esta nova Associação?

Sabe-se que por todos os lados a freguesia de Lordelo está cercada de associações bovinas e que muitos dos ex.^{mos} lavradores, proprietários ou caseiros desta freguesia, tem o seu gado seguro naquelas associações. Muitos ainda tem feito os seus seguros na antiga Bovina de Lordelo. Outros não quererão associar-se...

Como poderá, então, viver esta nova associação, com um número tam diminuto de associados, sabido que ainda que consiga juntar em associação todo o gado da freguesia (e também podem vir os cães e os gatos, as galinhas e os parreiros...) ela terá uma vida precária ou demasiado onerosa para cada sócio, em caso de pagamento de rez morta ou inabilidade?

2.ª — As associações deste género ou quaisquer outras só com a garantia dum grande número de sócios podem ser eficientes. Já dissemos que esse grande número não existe na nova Bovina, nem será possível.

Esta nova associação é um esfacelamento de associação, que só sendo forte e numerosa pode ser duradoira.

E, senão, vejamos. Por quanto vai ficar a cada associado o respectivo contributo em caso de rez inutilizada?

Quantos são os associados presentes ou possíveis?

Quantas são as cabeças de gado? Toca a agarrar num lápis e a fazer contas!...

3.ª — Não nos parece que, pelo facto da antiga Bovina, fundada pelo falecido sr. Alberto Veloso de Araújo, ter uma maior actividade em Guardizela possa desmerecer ao nosso bairrismo ir alentá-la com o grupo de lavradores que agora se juntam associativamente. A vantagem é só para os srs. Lavradores que quanto mais numerosos forem, mais regalias associativas podem ter. A antiga Bovina de Lordelo, hoje sob a direcção bem conduzida do sr. Alcindo Dias Pereira, da Casa de Vila Verde, que só pode com isso ter a satisfação de vêr emendado um erro cometido, ficará sendo uma grande associação bem firme e bem forte.

E ao espírito esclarecido daquêlle ex.^{mo} Proprietário nada custará agregar ao desempenho da Direcção aquêles proprietários de Lordelo, que para isso tenham a competência e sobretudo a boa vontade de acatar na manutenção associativa dos seus interesses.

Esta colaboração entre as freguesias do mesmo concelho tam aproveitável e de tam bons frutos, neste caso, só nos honraria e só nos dignificaria.

Até o respeito pelo trabalho daquêles que já morreram deveria entrar em conta, na razão da nova Bovina... Adiante!

Embora pensemos que esta nova associação é uma divisão (e cheios de divisões estamos nós!) de iniciativa, não louvamos nem condenamos. Não estamos no ataque nem na defesa. Fazemos considerações à sua margem, sabendo de antemão que não faltará quem as ache descabidas. Também não faltará quem as ache justas. Escrevemos para uns e outros, com o pensamento no supremo interesse de Lordelo.

Sendo esta a intenção, oxalá ao menos nos seja dada, por acréscimo, a satisfação de vêr claro em águas revoltas...

— A notícia publicada nos jornais diários do envio da documentação necessária às entidades competentes pela Câmara Municipal de Guimarães, relativa ao pedido de comparticipação do Estado pelo Fundo do Desemprego, na construção da Estrada de Lovazim, provocou aqui o mais justificado contentamento, por assim vermos realizada, em parte, a promessa que aquêlle ex.^{mo} Câmara fez a esta freguesia do seu maior interesse na efectivação dum melhoramento que, há tantos anos, vem sendo pedido.

Podê dizer-se afoitamente que a Estrada de Lovazim vai ficar a marcar o maior esforço que a Câmara de Guimarães terá feito em todos os tempos por Lordelo, que bem merece, pela sua importância notória de freguesia das mais populosas do Concelho e das mais industriais, a atenção cuidada a que tem jús.

E' este o momento de expressar à ex.^{ma} Câmara de Guimarães o nosso verdadeiro reconhecimento.

A promessa para uma época muito próxima, que estamos convencidos será de semanas ou poucos meses, do início dos trabalhos, há-de provocar nesta freguesia o altíssimo contentamento duma reclamação deferida, a alegria franca das amizades desavindas, pois que acima de tudo, cremos que não há outros interesses públicos de Lordelo do que vêr esta nossa Terra engrandecida, até à altura da justiça, que lhe assiste...

P. A.

VENDE-SE

Máquina Singer nova, com 1 ano de uso, por motivo de retirada. Informa esta Redacção. (114)

Impressões dum observador

De viagem para Fátima (Conclusão)

Em Fátima, neste lugar sagrado e consagrado pelas aparições da Virgem, aos três humildes pastorinhos, em 1917, juntaram-se, em 12 e 13 do corrente, para cima de 200 mil peregrinos, de todos os recantos de Portugal, e muitos do estrangeiro, de todas as classes sociais, que aqui vieram, à «Cova da Iria», — é assim denominado o lugar das aparições — uns pela primeira vez, outros pela segunda, e, muitos que veem todos os anos, senão todos os meses, trazer-Lhe o seu preito de homenagem, cumprir umas promessas, formular outras, e admirar o Poder Divino que a tudo assiste e rege!

Sim, o Poder Divino, que a tudo assiste e rege; o Poder Divino que atrai, para aqui, esta massa compacta

de gente, — 200 mil pessoas, e mais! — não obstante não haver, aqui, músicas, fôgo, iluminações, descantes populares, jogos, nem quaisquer outras diversões mundanas. Onde já mais se viu isto? Qual seria a natureza humana capaz de trazer a um lugar, por enquanto quasi êrmo, e onde não há ainda as mais rudimentares comodidades, tamanha massa de gente?

Perguntam-nos algumas pessoas mais incrédulas: — «E milagres?», «O' meu Deus, mas, afinal, isto já não será um grande milagre?»

Trem, ao S. João e Espírito Santo, em Braga, as músicas, fôgo, iluminações, descantes populares, jogos e outras diversões; façam outro tanto a Santa Marta da Falperra, a S. Torcato, em Guimarães, à Agonia, em Viana do Castelo, ao Senhor da Pedra, na Praia da Aguda, a N. Senhora da Saúde, nos Carvalhos e Oleiros, a La Sallette, em Oliveira de Azenéis, as Sebastianias, em S. João da Madeira, a S. Bartolomeu, em Arouca, a N. Senhora do Campo, em Róssas (Arouca), à Ajuda, em Espinho, à Assunção ou Dóres, na Póvoa de Vazim, ao Alívio, em V. Verde, e, finalmente, a Rainha Santa Isabel, em Coimbra, como tantas outras, e verão todos êsses lugares, não obstante as comodidades que oferecem, como a beleza com que a Natureza os dotou, desprovados!

Depois, os milagres não se dão só aqui, na Cova da Iria, em Fátima, onde Nossa Senhora se dignou aparecer em 1917, baixando do Céu à Terra. Os milagres dão-se por êsse País fora; dão-se por êsse mundo além, conforme documentos sempre transcritos na «Voz de Fátima», todos os meses, jornal êste que deveria entrar em todas as paróquias, e até em todos os lares, mas que infelizmente ainda não entra, pois conhecemos várias freguesias em que, ou por ignorância, ou por negligência do seu pároco, ainda não conhecem êste precioso jornal, que é publicado mensalmente.

Este jornal narra todos os milagres e graças obtidas por intercepção de N. S. do Rosário da Fátima, desde que êsses milagres ou graças sejam devidamente comprovados por atestados médicos, devidamente reconhecidos por Notário, e que dêles a Redacção tenha conhecimento.

Este jornal, já com grande saída para o estrangeiro, e que deveria entrar pelo menos em todos os lares católicos portugueses, é aprovado, é acertadamente aconselhado pela Autoridade Eclesiástica. Pena é, porém, que ultimamente, se tenha desviado um pouco da sua linha de conduta inicial, talvez levado pela falta de recursos, publicando anúncios, etc., quando, no nosso entender, deveria tratar só de coisas santas e divinas como: curas, milagres, graças, movimento e horário das peregrinações, relatos das mesmas, horário dos actos de culto, Evangelho das Missas, publicações de práticas e sermões mais importantes, um ou outro artigo ou crónica sobre religião, etc.

Bem, para que não aconteça o que já aconteceu na crónica de 17 do corrente, diremos que o lugar das aparições foi sobrevoado, em 12, de tarde, por numerosos aviões, o mesmo aconte-

cedendo em 13, de manhã e de tarde, isto é, todo o dia, pois o último retirou para a sua base, em 13, já quasi ao pôr do Sol.

Pelas 11 horas e tal da manhã de 13, já depois de vários aparelhos terem, nesse dia, sobrevoado Fátima, e continuarem a sobrevoá-la, appareceu, no horizonte, uma esquadriha composta por 7 (sete) aviões, em linha, que, durante mais de uma hora, sobrevoaram, todos formados, êste benedito local, trazendo, assim, até junto da Virgem, a homenagem da «Aviação Portuguesa», desta linda Pátria cuja Padroeira é, de há séculos, a Rainha dos Céus e da Terra!

Alguns dos aviões, nas suas evoluções, chegaram a descer, talvez, uns 20 metros do solo, deixando, todos êles, cair numerosos ramos de flores naturais sobre a Imagem de Nossa Senhora e a Sua capelinha no local das Suas aparições. O espectáculo era deveras surpreendente e empolgante, dando vontade, a muitos peregrinos, de nunca mais daqui retirarem!

Pena é que não haja, aqui, em Fátima, um campo de aviação, o que não seria muito difficil conseguir-se, ou, pelo menos, muito próximo, e o que traria cá sobretudo em tais dias, muitos mais estrangeiros.

Falaremos agora da emocionante cerimónia do «Adeus, à Virgem, no momento em que a última procissão vai recolher e se avizinha a hora da bandada, em que dezenas e centenas de milhar de lenços brancos se agitam no ar acenando para a Virgem e sagrado lugar das Suas aparições, por espaço de 2 horas ou mais, sem que os braços, que os erguem, se cansem, enquanto que as lágrimas brotam, instintivamente, dos olhos e deslizam em todos os rostos, mesmo nos mais incrédulos? Não! E, não, porque a nossa humilde pena seria incompetente para traduzir, transpondo para o papel, o que muitas vezes os nossos olhos vêem, o nosso coração sente, mas que a nossa lingua, não obstante a nossa vontade, não encontra vocabúlos ou expressões dignas ou capazes!

Só um S. Tomás de Aquino, ou, de outra maneira, uma lingua angélica e ciência Divina, o poderiam fazer, porque, como em cima dizemos, isto, só visto!

Quem tem a felicidade de vir aqui uma vez, só não volta cá quando, de todo em todo, não pode!

São 18.40. Acaba de partir daqui uma grande excursão de Engenheiros do Pôrto que, em visita de estudo, aqui chegou há bocado, visitando o Santuário, o local das Aparições e a grande Basilica, ora em construção, em honra de N. Senhora do Rosário da Fátima.

E' assim todos os dias; é assim quasi a todas as horas! E, todavia, se perguntarmos, a muitos dêstes excursionistas, o que os trouxe por aqui, o motivo da sua visita, nem êles próprios o sabem explicar, posto que se sintam impellidos para aqui, sem que esta terra, contudo, lhes possa oferecer monumentos antigos, obras d'arte, ou quaisquer belezas naturais dignas de visita, como acontece em muitas terras do País, desde o extremo norte

ao extremo sul, como as que acima nomeamos, e outras.

E' que «nem só de pão vive o homem...». E, assim, como os corpos precisam do descanso, recreando-se, as almas precisam de contemplar, ao menos de vez em quando, algo de divino e eterno, alheando se de tudo quanto de terreno e temporal as rodeia, e eis que, assim, os corpos em que habitam, se sentem impellidos para êste lugar sagrado, para êste lugar de Fé, Devoção, Penitência e Oração, para cujo fim a Virgem se dignou aqui aparecer aos três humildes pastorinhos, recomendando-nos Fé, Devoção, Oração e Penitência, chamando-nos, à Vida da Graça, cujo fim último é a Glória Eterna, para que todos fomos criados, e a que todos, como na crónica anterior dissemos, devemos aspirar!

Fátima, 27-5-936.

Júpiter.

Rectificação: Na n.º última crónica, onde se lê: Lardão (Gaia), deve lêr-se: Sardão (Gaia), pois é o nome do Colégio onde está uma filha do nosso grande amigo sr. Alberto Pimenta Machado, a quem pedimos desculpa da grialha, de nenhuma culpa temos.

ANÚNCIO

Vende-se ou aluga-se um edificio apropriado a estabelecimento fabril, ou qualquer outro fim, situado em bom local, dentro da cidade.

Para informações: — Gomes Alves, Matos & C.ª — Praça D. Afonso Henriques, 68 — Guimarães. (119)

HARMONIUM

Vende-se, completamente novo, marca Lindholm, alemão, modelo actual, com as seguintes características: madeira Caoba, escura, 4 oitavas, 8 registos, 2 jogos e 2 joelheiras de expressão.

Absolutamente expressivo e harmonioso.

Esta redacção informa. (106)

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na

Filial Pimenta Machado. (90)

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Vilas-Boas e Alvim
Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS:

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h.
Em Braga: Todos os dias úteis.
III) L. Barão S. Martinho, 78.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.



A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91
Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(105)

Praça D. Afonso Henriques, 70